

IMAGINÁRIOS E MEMÓRIAS: “MOTORES” DA CRIAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFPEL

QUINTANA, Larissa Radmann¹; PERES, Lúcia Maria Vaz²

¹UFPEL – FaE – Pedagogia – mpo182@yahoo.com.br ; ²UFPEL – FaE – Departamento de Fundamentos da Educação – luperes@terra.com.br ;

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um recorte resultante da pesquisa ‘Imaginário, Educação e Memória: inventariando e (auto)biografando trajetórias do vivido numa Faculdade de Educação’. Tal pesquisa desenvolvi como bolsista PROBIC/FAPERGS, juntamente com os integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM), sob orientação da Professora Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres, com duração de um ano 2010-2011.

Os sujeitos dessa pesquisa pertencem a dois grupos: 1) professores “mentores” da criação da Faculdade de Educação (FaE)/UFPEL; 2) alunos dos referidos professores que atualmente fazem parte do corpo docente desta mesma instituição.

Considerando o imaginário como “[...] aquilo que determina, de uma forma ou de outra, as nossas ações cotidianas” (SILVA, 2003), nosso objetivo nesse trabalho é contribuir no sentido de visibilizar a importância e a amplitude do imaginário para a educação, sobretudo seu “valor” advindo das manifestações simbólicas e imaginárias na história de vida dos sujeitos fundadores da FaE como motor que impulsionou a criação da referida instituição.

Temos como hipótese que os saberes e fazeres dos professores fundadores da FaE, tiveram grandes “motores” influenciando para que eles criassem essa instituição - que foi organizada como um espaço de pensamento crítico e de resistência ao processo hegemônico dominante – em 1976, quando a formação em nível de Ensino Superior primava pela especialização.

Dentro das ciências humanas, esse estudo integra a linha de pesquisa ‘Cultura Escrita, Linguagem e Aprendizagem’. Esta linha recentemente criada dentro do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPEL, tem como uma das suas proposições desenvolver pesquisas relacionadas às escritas autobiográficas, buscando relações entre memória, educação e imaginário.

Os principais conceitos que utilizaremos nesse trabalho são os de imaginário e motor. Os autores que fundamentam tais conceitos são Juremir Machado da Silva (2003), Deonir Luís Kurek (2008) e Lúcia Maria Vaz Peres (2008).

SOBRE O IMAGINÁRIO E O MOTOR

Segundo Silva (2003), “O imaginário é uma situação que é, ao mesmo tempo, um reservatório e um motor”. É um reservatório porque agrega sentimentos, lembranças, experiências e imagens que acumulamos ao longo da nossa caminhada existencial. Ainda segundo Silva (2003), é um reservatório “porque o imaginário é uma espécie de lago [...] está tudo lá, naquele grande “lago existencial”, onde se acumulam todas as nossas sensações mais importantes e significativas”. Em relação ao motor, Kurek e Peres (2008) afirmam que “o motor do reservatório advém dos ventos e das demandas internas ou externas a nós (ou aparentemente externas)

[...]”. Para Silva (2003) “ele é um motor porque, de repente, naquele lago as águas começam a circular, começam a ser canalizadas para nos impulsionar para a ação, para fazer com que a gente aja de uma maneira e não de outra”.

SOBRE A MEMÓRIA

O papel fundamental da memória é o de alimentar outro movimento que torna manifesto o imaginário, isto é, o movimento criativo. Trata-se do lugar de criação humana. É aquele momento no qual, ao revisitarmos nosso vivido, narramos re-inventando o movimento presente em busca de driblar o futuro. A memória é uma espécie de alavanca que auxilia o inventário do trajeto do vivido, com vistas a torná-lo experiência autoformadora (JOSSO, 2004).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada ancorou-se num “olhar para si”, fundamentada em Josso (2004). Buscamos a articulação dos processos relativos às histórias de vida. Portanto, usamos uma metodologia que relacionou narrativas (auto)biográficas, fotos e documentos. Estes dados empíricos se constituíram como “motores de fala e de escrita.” As narrativas desencadearam-se a partir de uma entrevista aberta com a seguinte pergunta detonadora: que imagens-lembranças te ocorrem quando pensas na criação da FaE?

O primeiro passo foi um contato com os protagonistas, sujeitos desta pesquisa. Todos foram convidados para uma reunião na qual foram apresentadas as intenções da pesquisa. Nesta reunião, os alunos integrantes do GEPIEM estiveram presentes, uma vez que foram responsáveis pela coleta dos dados, juntamente com a coordenadora deste.

O próximo passo foram as coletas de dados, ou melhor, as entrevistas abertas com os sujeitos pesquisados. A pergunta norteadora foi a já acima mencionada, porém no desenrolar de cada entrevista surgiram novas perguntas.

Com as entrevistas já concluídas os próximos passos foram as gravações e análises das mesmas. Buscamos analisar cada narrativa extraindo núcleos simbólicos impregnados de sentido e significado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A opção de pesquisarmos as memórias dos professores daquele outro tempo, pôde aclarar a tomada de consciência em relação a quais motores, na perspectiva de Juremir Machado da Silva, foram responsáveis por levá-los a criar a FaE.

Sinteticamente, os motores responsáveis foram: Utopia, Sonho, Preocupação, Contrariedade frente ao instituído, Afinidade de idéias, Querer fazer a diferença e Rebeldia. As narrativas abaixo demonstram pelo menos dois desses motores em cada uma:

“... Era um grupo bem avançado para os pensamentos da época. Bem de vanguarda. [...] A gente queria que fizesse a diferença.” (S. B.)

“... A FaE marcou época indo contra o instituído. [...] Preocupava-nos a situação de ótimas alfabetizadoras que ingressavam em diferentes cursos da Universidade, buscando qualificação para avançarem na carreira do magistério e, conseqüentemente, receberem melhores salários.” (M. M.)

“... nasceu de uma utopia, quer dizer, de um desejo do ‘compossível’. Porque, o já sendo era intolerado, era insuportável...” (C. C.)

Acreditamos que os sujeitos pesquisados conseguiram conhecer muito mais de si e também conhecer em suas trajetórias os motivos que levaram eles a pensarem, sonharem e criarem uma instituição de ensino tão inovadora para época. Juremir Machado da Silva 2003 traz importantes considerações a respeito:

“... quando começamos a pensar sobre situações cotidianas e começamos a imaginar e começamos a verificar e a pensar, porque agimos de uma maneira ou de outra, começamos a ver que existem pontos de recorrência, que se repetem. A gente começa a descobrir que existem significações que estão lá e que determinam as nossas ações nos mais variados campos.”

As narrativas (auto)biográficas são um suporte para expressão e conhecimento de si. Josso (2004) acredita que não existem experiências boas ou ruins. Mas sim, experiências formadoras ou não. Para ela, a própria construção de uma narrativa já se constitui como uma experiência formadora em potencial.

Apoiadas em Josso (2004), acreditamos que a experiência que cada um dos sujeitos vivenciou ao contar parte de suas trajetórias de vida, foi uma experiência formadora. Segundo a mesma autora:

“A recordação-referência pode ser qualificada de experiência formadora, porque o que foi aprendido (saber-fazer e conhecimentos) serve, daí para a frente, quer de referência a numerosíssimas situações do gênero, quer de acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida.”

CONCLUSÃO

As narrativas apontam para a demonstração de que a Faculdade de Educação, desde a sua gênese esteve voltada à reflexão sobre os movimentos que emergiam da sociedade. Foi pensada e criada para formar Pedagogos para as séries iniciais, tendo como fundamento o pensamento crítico e a resistência ao processo hegemônico dominante vigente na época. Qual seja: afastar-se do modelo de pedagogos especialistas.

Os principais resultados alcançados dizem respeito a (auto)formação, pois os trajetos vividos e refletidos pelos dois grupos de sujeitos pesquisados constituem-se em experiências (auto)formadoras.

Após o término dessa pesquisa, ficou evidente que as bagagens experienciais presentes nas histórias de vida são realmente muito formadoras. Tanto para quem conta, quanto para quem ouve. Com isso, acreditamos que a educação precisa apostar mais na importância das histórias de vida como meio de conhecimento de si e do outro.

Aprendi, como bolsista dessa pesquisa, que não só o imaginário é um motor que nos impulsiona para ação, como também a utopia, uma vez que ambos instituem novas possibilidades do real. Precisamos ter utopia para que possamos realizar o que queremos. A utopia não é o impossível, mas sim o “ainda não possível”.

Por fim, gostaríamos de deixar essa última citação de Juremir Machado da Silva (2003): “O Imaginário, no fundo, é uma concepção positiva das coisas, uma idéia de que, sim, os nossos sonhos, utopias e aspirações acabam nos movendo para as realizações”.

REFERÊNCIAS

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

PERES, Lúcia Maria Vaz; KUREK, Deonir Luis. Teias de alma: contribuições dos estudos do imaginário para a educação. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, volume 1, número 1, Jan/Julho 2008.